

Stanley J. Grenz e Roger E. Olson, *20th Century Theology: God and the World in a Transitional Age* (Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 1992), 393 pp.

Publicado originalmente com capa dura em 1992, este compêndio de teologia contemporânea está sendo relançado agora como brochura pela própria InterVarsity, por um preço mais acessível, e pode, é claro, ser facilmente obtido pelos serviços de venda de livros via internet, o que justifica e explica esta resenha.

Nunca encontrei, após ter lido e folheado dezenas e dezenas de compêndios de teologia contemporânea, um único que sirva para alguma coisa senão oferecer um pífio início na caminhada do estudo do pensamento cristão contemporâneo. Como todos os tipos de compêndios, eles tendem a ser superficiais, caricaturísticos, reducionistas ou ideológicos. Em suma, não são confiáveis. Para o estudo da teologia contemporânea, assim como para qualquer estudo, devemos seguir o lema dos humanistas e reformadores religiosos do século XVI – *ad fontes ac propter a fontibus* –, isto é, devemos praticar um retorno às fontes primárias, para então, a partir dessas fontes, chegar às nossas conclusões teóricas. Essa é a única maneira segura de estudar e mesmo ela não nos levará à verdade incontestável sobre qualquer assunto.

O livro de Grenz e Olson não é uma exceção à regra, e apresenta inúmeras distorções, reducionismos e lacunas imperdoáveis. Entretanto, em comparação com o que já existe em português (e mesmo diante de muito do que está disponível em inglês) trata-se de uma obra recomendável para o iniciante que está a dar os seus primeiros passos no estudo da teologia contemporânea. O livro é bem superior, por exemplo, aos compêndios de Stanley Gundry, *Teologia Contemporânea* (Mundo Cristão), Colin Brown, *Filosofia e Fé Cristã* (Mundo Cristão) e Battista Mondin, *Os Grandes Teólogos do Século Vinte* (Paulinas). Caberia aqui uma menção honrosa da obra *A Teologia do Século 20*, de Rosino Gibellini (Loyola), a melhor sobre o assunto em português até o momento.

Grenz e Olson erram ao tratar superficialmente, nos dois primeiros capítulos, da teologia do século XIX. Um estudo responsável da mesma implicaria na duplicação do número total de páginas da obra. O estudo do pensamento cristão no século XIX é uma especialidade à parte no campo dos estudos histórico-teológicos. Para entender a teologia do século XIX, os dois melhores compêndios introdutórios ainda são o livro de H. R. Mackintosh, *Types of Modern Theology*, disponível em espanhol e em processo de tradução para o português pelo pastor presbiteriano Rev. Déuber Calaça (a ser lançado em breve pela Editora Novo Século) e o clássico de Karl Barth, *Protestant Theology in the 19th Century*, ainda inédito em português. Outro erro gritante de Grenz e Olson é incluir um capítulo sobre a teologia católica romana, tratando apressadamente de apenas dois dos grandes pensadores católicos do século, dando uma visão distorcida da história da teologia dos últimos cem anos. Um estudo sério do pensamento teológico católico romano no século XX representaria mais um volume de igual tamanho, o que indica que a solução adequada seria terem os autores limitado o seu objeto de estudo.

Grenz e Olson erram, acima de tudo, ao tentar encontrar uma lógica do processo histórico, sugerindo que as diferentes ênfases do pensamento cristão contemporâneo devem-se a um fluxo constante de focos intercalados na idéia de imanência (o *Aufklärung*, Paul Tillich, teologia processual, Bonhoeffer, teologia secular, teologia da libertação, teologia negra, teologia feminista, etc.) e na idéia de transcendência (Kant, Hegel, Schleiermacher, Ritschl, Barth, Brunner, Bultmann, Niebuhr, Moltmann,

Pannenberg, Karl Rahner, Hans Küng, teologia narrativa, etc.). É uma explicação esteticamente aprazível, mas indubitavelmente simplista. Fico a pensar o que Kant diria se lhes afirmassem que a sua teologia possuía seu foco na transcendência às custas da imanência, causando um desequilíbrio que explicaria as suas heterodoxias, ou mesmo o que Moltmann ou Niebuhr diriam se lhes sugeríssemos tal absurdo sobre seus livros. Também poderíamos imaginar a resposta de Tillich quando lhes sugeríssemos que, ao contrário, sua teologia é essencialmente imanente, ou mesmo o que diria disso Letty Russell ou Juan Luís Segundo. Todos eles sentir-se-iam ultrajados, ou pelo menos lamentariam a má compreensão de seus esforços. Eu fiz essa crítica pessoalmente a um dos autores, Stanley Grenz, professor do *Regent Theological Seminary*, em Vancouver, Canadá. Ele reconheceu o erro de suas pretensões metafísicas e disse já não mais concordar com aquilo que havia escrito nesse volume. De fato, nota-se claramente uma evolução no pensamento de Grenz em seus escritos mais recentes como, por exemplo, o excelente *Who Needs Theology?* (também com Roger Olson) e *Revisioning Evangelical Theology: A Fresh Agenda for the 21st Century* (ambos também pela InterVarsity), livros que têm feito do batista Stanley Grenz, que foi orientado por Wolfhart Pannenberg em seu doutorado na Alemanha, um dos maiores pensadores cristãos americanos do nosso tempo.

Pior que isso é lermos os evangélicos Grenz e Olson tentando nos fazer acreditar, no último capítulo do compêndio, que a nova teologia evangélica de Carl Henry e Bernard Ramm, entre outros, é o coroamento da produção teológica do século XX, ou, como eles sugerem, a apoteótica reafirmação do balanço perdido entre a imanência e a transcendência na história da teologia. Ainda que tal hipótese harmonize-se com as tendências neo-hegelianas da obra, qualquer historiador das idéias perceberia sua inconsistência, pois o movimento histórico harmonioso que Grenz e Olson querem enxergar é uma ilusão de ótica. A história da teologia do século XX é a história de uma batalha desgovernada, caótica e sem organização de várias tendências idolátricas do ser humano opondo-se umas às outras atrás do butim precioso da mentalidade cristã condicionada. Essa mentalidade é um mercado numeroso e ativo, uma multidão ávida por ser usada como massa de manobra, um povo angustiado e sem esperança em meio ao caos do mundo moderno, disposto a seguir qualquer vento de doutrina, qualquer líder carismático, qualquer profeta que lhes faça sentir menos sós no cosmos criado, que lhes dê um sinal da imanência divina diante do sentimento generalizado de abandono. Este povo, a saber, a cristandade, rejeita o discipulado cristão e a comunhão mística com Deus, mas satisfaz-se com toda invenção humana, com abstrações do pensamento teórico que se espalham de uma ponta à outra do espectro das escolas teológicas.

Entretanto, recomendo a leitura deste compêndio àqueles que, não se dispondo ainda a fazer o movimento *ad fontes*, sintam-se na necessidade de receber o auxílio de um manual, por pior que este seja. O compêndio de Grenz e Olson é ainda um dos melhores no mercado, apesar da pretensão da delimitação do tema, das hipóteses improváveis do processo histórico e das escolhas idiossincráticas de nomes a serem estudados. Todavia, como no caso de todo compêndio, manual ou enciclopédia, não se deve considerá-lo como a última palavra, e sim como a primeira palavra, em geral inadequada, sobre o assunto estudado. O compêndio pode servir como pontapé inicial da pesquisa científica, mas não serve como palavra final.

Ricardo Quadros Gouvêa